

A Oração

Catequeses do Papa Francisco

Do Catálogo da EDITORIAL AO

Fratelli Tutti – *Carta Encíclica sobre a fraternidade e a amizade social*
Papa Francisco

Catequeses sobre as Bem-aventuranças
Papa Francisco

Querida Amazônia – *Exortação Apostólica Pós-Sinodal*
Papa Francisco

Pai Nosso – *Catequeses do Papa Francisco sobre a Oração do Senhor*
Papa Francisco

Cristo Vive – *Exortação Apostólica Pós-Sinodal* Christus Vivit
Papa Francisco

A Alegria do Evangelho – *Exortação Apostólica* Evangelii gaudium (3ª ed.)
Papa Francisco

Alegrai-vos e Exultai – *Exortação Apostólica* Gaudete et Exsultate
Papa Francisco

A Santa Missa – *Catequeses do Papa Francisco sobre a Celebração da Eucaristia*
Papa Francisco

Misericórdia e Miséria – *Carta Apostólica* Misericordia et Misera
Papa Francisco

A Alegria do Amor – *Exortação Apostólica pós-sinodal* Amoris laetitia (2ª ed.)
Papa Francisco

Louvado Sejas – *Carta Encíclica* Laudato Si' (2ª ed.)
Papa Francisco

Papa Francisco

A ORAÇÃO

Catequeses do Papa Francisco



EDITORIAL A.O.

Capa

Francisca Cardoso Girão

Paginação

Editorial AO

Impressão e Acabamentos

Sersilito – Empresa Gráfica, Lda.

Depósito Legal nº

485788/21

ISBN

978-972-39-0924-1

Julho de 2021

Com todas as licenças necessárias

©

SECRETARIADO NACIONAL DO APOSTOLADO DA ORAÇÃO

Rua S. Barnabé, 32 – 4710-309 BRAGA | Tel.: 253 689 443

livraria.apostoladodaoracao.pt | livros@snao.pt

www.redemundialdeoracaodopapa.pt

O mistério da oração

Hoje iniciamos um novo ciclo de catequeses, sobre o tema da *oração*. A oração é o respiro da fé, é a sua expressão mais adequada. Como *um grito* que sai do coração de quem crê e se confia a Deus.

Pensemos na história de Bartimeu, um personagem do Evangelho (cf. *Mc* 10, 46-52 e par.) e, confesso-vos, para mim é o mais simpático de todos. Era cego, estava sentado a mendigar à beira da estrada, na periferia da sua cidade, Jericó. Não se trata de um personagem anónimo, tem um rosto, um nome: Bartimeu, ou seja, «filho de Timeu». Um dia ouve dizer que Jesus passaria por ali. Com efeito, Jericó era uma encruzilhada de povos, continuamente atravessada por peregrinos e mercadores. Então Bartimeu põe-se à espreita: faria todo o possível para encontrar Jesus. Muitas pessoas faziam o mesmo: recordemos Zaqueu, que subiu à árvore. Muitos queriam ver Jesus, ele também.

Assim este homem entra nos Evangelhos como uma voz que grita a plenos pulmões. Ele não vê; não sabe se Jesus está perto ou longe, mas ouve-o, devido ao barulho da multidão, que num dado momento aumenta e se aproxima... Mas ele está completamente só e ninguém se importa com isso. E o que faz Bartimeu? Grita. Grita e continua a bradar. Usa a única arma que possui: a voz. Começa a gritar: «Filho de David, Jesus, tem compaixão de mim!» (v. 47). E assim continua a bradar.

Os seus repetidos gritos incomodam, não parecem educados, e muitos repreendem-no, dizendo-lhe para se calar: «Sê educado, não faças isso!». Mas Bartimeu não se cala, pelo contrário, grita ainda mais alto: «Filho de David, Jesus, tem compaixão de mim!» (v. 47). Aquela teimosia tão boa daqueles que procuram uma graça e batem, batem à porta do coração de Deus. Ele grita, bate à porta. A expressão «Filho de David» é muito importante; significa «Messias» – confessa o Messias –, é uma profissão de fé que sai dos lábios daquele homem desprezado por todos.

E Jesus ouve o seu grito. O pedido de Bartimeu toca o seu coração, o coração de Deus, e para ele abrem-se as portas da salvação. Jesus manda chamá-lo. Ele dá um salto e aqueles que antes lhe diziam para se calar agora conduzem-no ao Mestre. Jesus fala com ele, pede-lhe que manifeste o seu desejo – isto é importante – e então o grito torna-se um pedido: «Que eu volte a ver, Senhor!» (cf. v. 51).

Jesus diz-lhe: «Vai, a tua fé te salvou» (v. 52). Reconhece àquele homem pobre, indefeso e desprezado todo o poder da sua fé, que atrai a misericórdia e o poder de Deus. Fé significa ter duas mãos levantadas, uma voz que grita para implorar o dom da salvação. O Catecismo afirma que «a humildade é o fundamento da oração» (*Catecismo da Igreja Católica*, n. 2559). A oração nasce da terra, do *húmus* – do qual deriva «humilde», «humildade» – vem da nossa condição de precariedade, da nossa sede constante de Deus (cf. *ibid.*, nn. 2560-2561).

A fé, vimo-lo em Bartimeu, é grito; a não-fé é sufocar aquele grito. Aquela atitude que as pessoas tinham ao silenciá-lo: não eram pessoas de fé, mas ele sim. Sufocar aquele grito é uma espécie de «cumplicidade tácita». A fé é protesto contra uma condição penosa da qual não compreendemos o motivo;

a não-fé é limitar-se a padecer uma situação à qual nos adaptamos. A fé é esperança de ser salvo; a não-fé é acostumar-nos com o mal que nos oprime e continuar assim.

Queridos irmãos e irmãs, começemos esta série de catequeses com o grito de Bartimeu, porque talvez numa figura como a sua já esteja tudo escrito. Bartimeu é um homem perseverante. Ao seu redor havia pessoas que explicavam que implorar era inútil, que era um vozear sem resposta, que era barulho que incomodava e nada mais, que por favor deixasse de gritar: mas ele não se calou. E, no final, conseguiu o que queria.

Mais forte do que qualquer argumentação contrária, no coração do homem há uma voz que invoca. Todos nós temos esta voz interior. Uma voz que sai espontaneamente, sem que ninguém a governe, uma voz que se interroga sobre o sentido do nosso caminho aqui na terra, especialmente quando nos encontramos na escuridão: «Jesus, tem compaixão de mim! Jesus, tem compaixão de mim!». É uma bonita oração!

Mas não estão estas palavras esculpidas em toda a criação? Tudo invoca e suplica para que o mistério da misericórdia encontre o seu cumprimento definitivo. Não rezam só os cristãos: eles compartilham o clamor da oração com todos os homens e mulheres. Mas o horizonte ainda pode ser ampliado: Paulo afirma que toda a criação «geme e sofre as dores de parto» (*Rm* 8, 22). Com frequência, os artistas fazem-se intérpretes deste grito silencioso da criação, que pressiona em cada criatura e emerge sobretudo no coração do homem, pois o homem é um «mendigo de Deus» (cf. CIC, n. 2559). Bonita definição do homem: «mendigo de Deus».

Quarta-feira, 6 de maio de 2020

Índice

1. O mistério da oração	7
2. A oração do cristão	11
3. O mistério da Criação	15
4. A oração dos justos	19
5. A oração de Abraão	23
6. A oração de Jacob	27
7. A oração de Moisés	31
8. A oração de David	35
9. A oração de Elias	39
10. A oração dos Salmos (1)	43
11. A oração dos Salmos (2)	47
12. Jesus, homem de oração	53
13. Jesus, mestre da oração	57
14. A oração perseverante	61
15. A Virgem Maria, mulher orante	65
16. A oração da Igreja nascente	71
17. A bênção	77
18. A oração de súplica	81
19. A oração de intercessão	85
20. A oração de ação de graças	89
21. A oração de louvor	93
22. A oração com as Sagradas Escrituras	97
23. Rezar na Liturgia	101
24. Rezar na vida quotidiana	105
25. A oração e a Trindade (1)	109
26. A oração e a Trindade (2)	113
27. Rezar em comunhão com Maria	117
28. Rezar em comunhão com os santos	121
29. A Igreja, mestra em oração	125

A Oração – Catequeses do Papa Francisco

30. A oração vocal	129
31. A meditação	133
32. A oração contemplativa	139
33. O combate da oração	143
34. Distrações, aridez, acídia	149
35. A certeza de ser escutados	155
36. Jesus, modelo e alma de cada oração	161
37. Perseverar no amor	165
38. A oração pascal de Jesus para nós	169
<i>Índice</i>	173